N.º 50 — 1.º anno

O XUÃO

Director e proprietario
ESTEVÃO DE CARVALHO

Semanario de caricaturas.
Caricaturista: ***Silva e Souza.***

Secretario da redacção
JULIO DUMONT (Orlando)

Redacção e administração
R. da Cruz dos Poyaes, 84, 3.º, E.

Composto, impresso e lythographado na «A EDITORA»
L. Conde Barão, 50 — LISBOA

Lisboa, 2 de Fevereiro de 1909

ASSIGNATURAS (Pagamento adeantado)

Anno	1$000 réis
Seis mezes	500 »
Tres mezes	300 »

Numero avulso, 20 réis

ANNUNCIOS, preço convencional

O chefe da bufaria

Uma justa gratificação pelos seus bons "servicios"

Summario

Ai, pobre Zé, tens qu'ir tratar da vida,
Que as coisas como estão não pódem ser!
Ou tudo a pontapé tens que correr
Ou liquidaste a fama adquirida!

Não ha palaciana retorcida,
Canastra que usa saias á mulher,
Que sobre ti não queira ter poder
P'ra em escravo te tornar d'época ida...

Rebenta, mas á tesa, e toma tento
Que ha *Rosas* que o teu bago põe ao vento
Gastando-o sem receio nem grandes sustos...

E ainda a padralhada torce a venta,
Refila, ladra, morde e argumenta
Se ao Costa e ao Buiça chamam: *Justos!*

DR. SULIPANTA.

CHRONICA

O exercito do sr. Burnay

O *Seculo* vinha ha dias todo alarmado, porque o sr. conde de Burnay tem a seu favor um verdadeiro exercito, a Guarda Fiscal. E, a este respeito, alinhava o *Seculo* varias considerações de ordem philosophica, sobre o valor, o brio, a dignidade, e mais partes que com egual honra concorrem no soldado portuguez.

Teve o *Seculo* uma boa lembrança e o sr. conde devia aproveital-a. Um banqueiro tão rico, como é s. ex.ª, podia mobilisar um exercito, pôl-o em pé de guerra e constituir uma potencia guerreira dentro da nossa sociedade. Os seus rendimentos chegariam para manter milhares d'homens e reunir na sua mão toda a força bellicosa da Lusitania, armada de ballas *Mauser* e obrigando, á bala, o paiz a fumar.

O sr. Burnay tem monopolisado tudo quanto é susceptivel de monopolisação. São d'elle as 11:000 virgens e os tabacos de Portugal; são d'elle os governos e o credito nacional; são d'elle a propria Monarchia, os quatro poderes do Estado e os artigos e paragraphos da Carta. Que mais era que s. ex.ª agora monopolisasse o Ministerio da Guerra e substituisse o sr. Sebastião Telles, o sr. General Gorjão, o sr. General Pinheiro, o sr. Azevedo Coutinho, todos os potentados da militança?

Sob esta nova phase, a Monarchia ficava, definitivamente, no seu papel. O connubio dos poderes publicos com o sr. Burnay tomaria então uma justa evidencia e a nação via, ás claras, os seus tres poderes: o moderador, personificado pelo rei; o legislativo e executivo, ambos em Burnay; o judicial, na Companhia de Jesus, com séde no Quelhas, em Campolide e no largo do Pelourinho.

A investidura solemne de Burnay em generalissimo do nosso exercito era de uma grande economia para o paiz e de um grande interesse para a paz publica. As despezas com as nossas forças ficariam a cargo do famoso banqueiro e o Estado livre de as manter; ao mesmo tempo, os boatos de pavorosas desappareceriam, porque ninguem se atreveria a revoltar-se contra uma omnipotencia tão solida como a de s. ex.ª

Se a monarchia quer continuar a viver, passe o exercito para as mãos do sr. Burnay; elle fará com que o paiz seja eternamente monarchico e fál-o-ha ingerir, quotidianamente, uma boa dóse de almirantes, a trinta réis o masso. O chefe do Estado deve deixar o seu logar nomimal de chefe supremo do exercito; a chefia deve, antes de mais nada, ser entregue ao sr. Burnay.

A Junqueira fará então desapparecer a rua dos Navegantes, a rua de S. Bento, a rua de S. Bernardo, a hydra e as colicas dos cidadãos pacificos.

E. de C.

E' o que lhes falta!

Segundo ha dias vi pelos jornaes,
Á policia reforma vae ser dada;
A guarda *mancipal* era augmentada
E muitas variadas coisas mais!...

Mil carabinas, sabres para os taes
Mandaram já fazer n'uma fornada;
P'ra depois da *bernarda* tão falada,
Ell's irem p'ró Rocio ver os *pardaes!*...

Porém falta uma coisa na reforma,
E n'isto vamos ver, quem tal diria;
Seguindo tudo á risca a sua norma!

E' vermos passeiar durante o dia
Enorme cavalgada sempre em fórma,
Levando a acompanhar a artilharia!

Janeiro 909.

D. CHICOTE.

Abaixo das rameiras!

Depois d'esse vergonhosissimo sudario de insultos soezes do *Popular* e do *Noticias de Lisboa* ao *Lyrio pendente* e ao *Poeta*, affirma-se com todos os visos de realidade que para a pasta da marinha, no ministerio presidido pelo primeiro, vae um vilhenista dos mais chegados ao chefe!

E digam-nos lá que não são peores que as da rua suja!

Homenagem

Na sessão de homenagem ás victimas da Calabria, promovida pela Associação do Registo Civil, foi profusamente distribuida a seguinte poesia do nosso collega de redacção Julio Dumont (Orlando), uns versos d'alma que com a devida venia, transcrevemos.

O NOSSO DEVER

Esse tremendo, horrivel cataclysmo
Que as boas almas todas enlutou,
Acaso foi um Deus quem o mandou
De raiva n'um horrivel paroxysmo?

Estremecer a terra, abrir o abysmo,
A morte semear como semeou,
Será obra de um Deus?
Quem o julgou
Demonstra requintado pessimismo.

Inculcam-nos um Deus todo bondade
Que em toda a parte está bem vigilante
A dirigir com senso a humanidade.

E esse Deus ouve o grito supplicante
Das victimas da atroz fatalidade,
E não tem de piedade um só instante?! ..

Não é possivel tal.
Mães, creancinhas,
Donzellas a sonhar lindo noivado,
Noivos todos ternura ao ente amado,
Trémulos velhos, pallidas velhinhas.

E a terra em convulsões feras, damninhas
Deixando sob escombros, sepultado,
Tanto bello futuro antegosado
N'esses ninhos d'amor, alvas casinhas!

Tudo findou.
Não houve lá dos céus,
Em cuja fé o crente sente alento,
Um gesto de piedade aos filhos seus!

Pois bem.
Que venha o Livre Pensamento
A minorar a falta d'esse Deus
Pelo nosso fraterno sentimento.

Não quer mais nada?

O gatuno da companhia das aguas, com residencia no Pelourinho, quer a lei do sr. Beirão e o lapis azul do corregedor (ex) Veiga para a imprensa.

E a fôrca não quer? ou uma fogueirasinha! ..

Para elle chega um candeeiro!

A Bandeira de Flôres

(Dedicada a Fernão Botto Machado)

Pegando n'uma rosa a consultei;
Encantos mil na mente me firmára;
O «VERDE» das folhinhas me falára
ESPERANÇA, JUSTIÇA, PAZ E LEI...

Da «rubra» e casta flor continuei
O exame venturoso que sonhára;
Do «VIVO CARMEZIM» então tirára
O nome de — VERDADE — que exaltei.

Vezes sem fim e louco d'alegria
A' FLÔR oscúlo e digo com prazer:
Que formosa *bandeira* eu bem faria,

Terminando com «ELLA» o meu soffrer...
Portugal nobre e bello tornaria
Fazendo-o novamente reviver.

ALI-BÁBÁ.

Animatographo... vivo

†

R. I. P.

Pelos horriveis, tetricos e ratazanas boatos de *intentonas* que por ahi correm não sabemos se o nosso caro leitor, nós, o gato da redacção e a vizinha ali defronte estarão no *estarim (pistarão, pistarim)*.

No emtanto, como entre mortos e feridos sempre alguem ha de escapar para nos ler, lá *prantamos em riba* a cruz negra das grandes catastrophes n'um adeus até á hora em que Jehovah soprar na trombeta do juizo final a tocar o *compadre chegadinho*.

Se porém só for ballela
A pavorosa magana,
Teremos pandega bella
P'rá semana!

Se porém a *mancipal*
Fizer a *grande conquista*
De nos mandar p'ró coval...
Té á vista!...

*

Dizem do Douro, onde a fome assentou arraiaes:

«Ninguem avalia o que vae por Sediellos. Não ha trabalho, não ha recursos de nenhuma especie. O milho está carissimo, como em toda a parte, e o trabalhador passa os dias... curtindo fome e á «boa vida», como se pudesse haver *boa vida* com estomagos vasios.»

No emtanto perante essa miseria que avassalla o Norte o governo só acha dinheiro para pagar aos «bufos» e para armar a policia com pistolas caras.

Não se faculta pão para os esfomeados, mas ahi por essas repartições e quarteis ha trumphos gordos e anafados que recebem fortes proventos com o arduo trabalho de fazer... nada.

E não querem que eu diga a minha phrase habitual:

— Porca da vida!

Amarellos, côr de cidra,
Andam os povos com fome,
Porém o medo da hydra
Todo o dinheiro consome.

Tudo vae p'rás *pistarolas*,
Tudo vae p'rá pagodeira,
Mas o Zé vive d'esmolas
E a fome grimpa altaneira

*

Agora os senhores monarchicos deram em exigir governos de «força.»

Pois bem faria o chefe do Estado em escolher os seus ministros entre os carregadores da alfandega.

Em materia de sciencia governativa e bom senso não ficava peor servido. Antes pelo contrario.

P'ra que o direito se torça
E atiçar a santa fé.
Quer-se um governo de força
P'ra que dê pulo de corça
O desgraçado do Zé.

Ja parece um vivo inferno,
Da lucta uma enorme dança,
Cá dentro do lar paterno
Só *forças* quer o governo.
Acaso haverá... mudança?

ORLANDO.

EPITAPHIO

Aqui jaz um padre Mattos
E o seu jornal-s'carrador
Por dizer que o terramoto
Mandou Deus, d'elle senhor.

PEPE D'EIROL.

O *joven* da marinha ouviu ha dias falar n'um mastaréu.

Ouviu mal e perguntou indignado:

— O quê? pastar eu?!...

Que lindo!

GAZETILHA

Ao leitor

Está proximo o Carnaval,
Vou tratar de arranjar fato,
Uma idéa genial,
Verão que não fico mal,
Depois lhes mando o retrato.

Vou ter co'o Firmo barbeiro
Ao largo do Intendente
P'ra que me corte ligeiro
O que me cresce na frente...
(Um bigode á granadeiro).

Depois, de cara rapada,
Vestido de *marafona*,
Ponho á cintura uma espad
E, creiam, que tem piada:
Mascaro-me d'*intentona*

Até o querido *albornó*
Me canta a menina Rosa
E ao vêr-me assim tão *liró*
Diz-me: — vaes ao Zé da Mó?
Quem és tu?
— A *Pavorosa*.

ZÉ DA HERDADE.

Descobriu-se que na egreja de Santo Antonio da Sé se gastou n'um mez a bagatella de 40$000 réis de cera.

E' que a irmandade não a encommendava nas repartições publicas onde se faz muita *cera* e deve ser *barata*, embora nos custe *cara*.

Enigmas politiqueiros

Isto é que é firma bonita,
Unida como se vê,
Sempre tesinhà e catita
Que p'la *thalassice* lê.
Recebeu benção bemdita
Vinda do Céu por mercê,
E se contra o povo grita
Nós não sabemos porquê.
Mas se accaso alguem se agita
Logo aprende o *a.*, *b.*, *c.*,
Na prisão como um catita
Pois são *tesos*...

W. C.

Datas memoraveis

O mez de janeiro foi em tempos o mez dos gatos e dos casamentos.

Miavam os gatos em serenatas ternas pelos telhados o seu idyllio pelas bichanas da vizinhança; rosnava o prior da freguezia o *conjuge o vobis* da ternura catholica apostolica.

Mas... só os gatos, livres da estola e do preconceito tinham razão.

N'esses *miáus* havia qualquer cousa de proclamação liberal; pelo menos a theoria do amor livre.

Liberdade!

Como é bella essa palavra que nos sae dos bicos da penna a prometter-nos um presagio de venturas!

O mez de janeiro, porém, tem o condão de ter em si uma *santissima trindade* de tres dias intervallados com factos memoraveis.

31 de janeiro — o movimento da revolta no Porto esmagado pela traição de agaloados senhores.

28 de janeiro — as prisões ordenadas pelo vil dictador, fera corrida e que anda a monte, com a certeza de que qualquer cidadão portuguez que se digne de o ser lhe atira como a um lobo e o desfaz como a um tigre.

Teve a sua repercussão em 1 de fevereiro a tyrannia d'esse vilissimo lacaio do poder pessoal.

O verdadeiro réu d'essa catastrophe fugiu como um covarde.

O *Xudo*, nascido n'esse momento em que as lagrimas rarearam pela causa e abundaram pelo imprevisto, vem hoje, no cumprimento do seu dever, dizer apenas tres curtas palavras que tudo significam:

PAZ AOS MORTOS...

Que gentinha!

Do *Mundo*:

Diz-se que as successivas conferencias do senhor Eduardo Burnay com o senhor Campos Henriques mostram bem a boa intelligencia entre os dois.»

Isto vae bem bonito, não vae, Zé?
Que regálo, que bella governança,
Que faz andar cá tudo n'uma dança,
Ao mando só d'um lyrio, e d'um Burnay!

Que intelligentes são os dois! Que fé,
'Qu'elles teem, cuidando lá da pança!
Vão andando, que o Zé já não descança,
Emquanto não puzer em cima a ré!...

Isto só com trezentos cães damnados,
Ou então com mil gatos assanhados,
Que corressem com esta *vil* cambada!

Com lyrios, com Burnays, com Alarcões,
E mandál-os a todos p'rós... botões;
Que talvez fôsse melhor cá p'rá velhada!

Viu-se-á-Brocha.

Dizem os jornaes jesuiticos que é preciso metter na ordem os livres pensadores.

Exactamente.

Deixal-os ser livres... amordaçando-os.

Liberalismo constitucional.

A menina Rosa... tyranna

Musica da
Menina Rosa

I

Mesmo sem ser presidente
Todos em mim teem fé!
Ferram-me p'ra ahi o dente,
Mas não m'importa a ralé!...

O meu trajo não é novo
Em camisa andam p'ra ahi,
Foi assim que eu puz o povo
E não fez charivari.

Só d'estes sarilhos
E' que arranjo ao Zé
E' só pagar, filhos
Sem fazer banzé.

Ai, querido Burnay!
Eu tenho uma coisa
Linda coisa p'ra te dar
Uns seiscentos contos
P'ra te consolar!

II

Como mentor das finanças
Sou eu pois quem tem a caixa
Se ás vezes me vejo em danças
Deus me ajude... vae mão baixa...

Do negocio tabaqueiro
Eu sou amigo leal
Pode contar co' o dinheiro
Do meu tanso Portugal.

Só d'estes sarilhos
É que arranjo ao Zé
E só pagar, filhos
Sem fazer banzé.

Ai, querido Burnay!
Vê quanto de luvas
Tu destinas para mim...
Quem paga é o Zé
E ***isto*** está no fim!!!

Em poucas palavras

No dia das exequias na Sé em pró das victimas de Italia os policiãs voltavam as costas ao rei e olhavam para o povo.

Se fosse sempre assim... era melhor.

— Um jornal reaccionario escreve que o «regimen republicano em Portugal é um problema.»

Exactamente. Todos os problemas teem X e são resolvidos. O X d'este é o bem estar do povo. O existente, não é problema resolvido; é um absurdo.

— Armaram a policia de revólvers-carabinas, ou seja de *revólvers*, que, adaptando-lhes um cabo, fazem de espingardas.

Seria melhor metter-lhes na mão as vassouras das sopeiras que tambem mudam de nome conforme teem cabo ou não.

Ahi *valentes!*

— O W. bateu-se em duello.

O C. ficou-se...

Olhem se matam o W?!...

Ficava a parelha desirmanada!

— O prior d'Ajuda, ex-padre Mattos, dá tapona no *Seculo*.

Pudera!

As suas aspirações e idéas (se é que tem d'isso) são de séculos passados...

— Morreu Coquelin-ainé em França.

Alguns actores do Normal perguntavam-se mutuamente ha noites:

— Quem será agora o luminar da Arte?...

E... apertavam-se as mãos em signal de parabens.

Lá tinham as suas razões.

— Uma escriptora feminista escrevia ha dias n'um jornal da provincia que «o direito das mulheres era positivamente o mesmo dos homens.»

Perdão.

Ha differença e bem sensivel.

As senhoras teem o direito no seu intimo e os homens teem-n'o bem patente.

Desculpem o reparo.

— Na sessão promovida pelo livre pensamento em favor das victimas do cataclysmo de Italia uns ratões não queriam tirar o chapéo, apesar de estarem presentes os oradores «todos descobertos.»

Estavam no seu direito absoluto.

O cargo de bruto e insolente não paga contribuição n'este paiz.

E depois a Parreirinha de onde saem os *bufos* a provocar desordens, não teem lá curso de *civilidade*.

Pois era preciso...

LÁ CONICO.

Uma dama de 26 annos annuncia nos jornaes que deseja casar com homem «serio e honrado.»

O predicado que ella exige não nos parece facil de encontrar.

Serio... em occasiões solemnes poderá ser, mas *honrado*... em materia de *casamento?!!*

E' demais para um homem que se prese de o ser.

UM FACTO

N'esse chuvoso dia de fev'reiro,
Que justamente agora faz um anno,
N'essas ruas correu sangue tyranno
E sangue generoso e verdadeiro.

Sedento de justiça um povo inteiro
N'asphyxia d'um Nero deshumano,
Deu provas de ser bom, de ser humano,
Em expulsar o torpe *Granadeiro*.

Agora um senhor conde que é *mimoso*
Uma lapide quer pôr n'esse dia
Commemorando o caso algo famoso.

Mas n'esse caso o povo bem podia,
Relembrando esse dia lutuoso
Ir té' ao cemiterio em romaria.

PEPE D'EIROL.

Vae ser feito santo um beato chamado Oriol.

Ainda chegam a canonisar o cantinho da Boa Hora.

EPITAPHIO

Aqui dorme n'este outeiro
certo typo gordo, astuto:
cahiu n'um despenhadeiro
d'este monte fero, hirsuto,
exhalando o derradeiro
sem largar o seu charuto.

Com acrisolado amor
bondoso a todos amava:
era eximio caçador
porque pombinhas caçava,
tambem era bom pintor
pois que aos treze já pintava.

Quando falava francez
refulgia como um sol:
falava bem o inglez
assoprando com um fol',
mas emquanto ao portuguez
não chegava ao Ravachol.

Das télas que elle pintou
merecem um dinheirão:
Nas barbas do meu avô,
O ultimatum, a Conversão,
O granadeiro chegou
e o *Bacalhôa d'Azeitão.*

Temos ainda que citar
O nauta de remo e escota,
Vinte mil vezes no mar,
A sacré cœur marota,
o Mariano a palmar,
e a mimosa *Bancarrota.*

Ha ainda, meus senhores,
O moço-forcado pilha,
Honrados adeantadores,
Barco do Estado sem quilha,
O jardim dos meus amores,
o Mazantini e a Filha

Do jardineiro, tambem
é um quadro de apreço
A outra metade da mãe,
As caçadas de bom preço,
Carne de porco a vintem,
P'rô meu povo sou de gesso.

São um mimo de pintura;
As viajatas insanas,
Do meu charuto a grossura,
Minhas doidices parranas,
e *Acabou-se a dictadura*
c'um sôcco d'um barbatanas.

Viu-se Grego.

Cá e lá!...

Lá fóra, n'essa imprensa mercantil,
Mentiras vão forjar de Portugal,
Emquanto que por cá ve-se afinal
Que ha lobos, muitos lobos no redil!

Debaixo d'este sol primaveril
Se aquece muita *pinha* bem brutal;
Não ha já pundonor sentimental,
Nem decerto pr'a o anno de dois mil!

Selvagens! vão chamando-nos por lá,
Vivendo qual paiz de phariseus...
E mandam-nos depois dizer p'ra cá!

Pois saibam! temos cá muitos *judeus*,
Que ao nosso Portugal chamam *manná*
E jogam com dois bicos os *sandeus!!*

Janeiro 909.

D. CHICOTE.

O "Xuão„ em Coimbra

Piadinhas

Os olhos esgazeados, a tez pallida como a de um moribundo, elle, o desilludido da vida, procura por todos os tascos o grande anesthesico das dôres moraes.

N'uma baiuca, depois de ter embutido meia duzia de copos, pergunta á taberneira com voz enlameada:

— Quanto devo?

— São seis vintens.

— Eu só pago cinco, porque o meu estomago não accusa mais que cinco copos.

— E' que o outro subiu-lhe á cabeça.

E elle, que era tão amante do raciocinio, pagou e felicitou-a ainda.

E continuou a sua peregrinação. E' uma penitencia, dizia elle baixinho. N'essa noite foi phenomenal. Foi para casa aos trambulhões e não foi capaz de passar da porta.

Ahi ficou a roncar como um padre-prior.

Pelas duas horas da manhã abre os olhos. O seu Fiel lambia-lhe os gatos, commovido. E elle vendo a lua em pleno azul teve um gesto de nojo e disse:

— Tira de lá isso, que eu não gosto de queijo!

No estertor

A Monarchia, a grande desbragada,
Com seus olhar's perversos, sensuaes,
Beijou-me um dia a face desmaiada
E fez-me mil promessas irreaes.

Prometteu liberdade, vida, gloria
Os hymnos triumphaes do vencedor,
Paginas offuscantes as da Historia,
Horas cheias de luz, de paz e amor.

E encheu-me a vida toda d'amarguras,
Sempre com riso hypocrita e cruel:
Oitenta annos d'enormes desventuras,
De crapulas, miserias e de fel.

Mas ella agora por felicidade
Em podridão agonisando está;
E o dia redemptor da *Liberdade*
Em breve, com certeza, soará.

ARETINO.

A companhia dos tabacos diz á gente que está na penuria.

O que dirão os consumidores!

Passes. . de peito

Olhem-me cá p'ra m'isto:

Vocês, leitores amigos, já viram uma terra onde haja mais maduros e *cagarolas?...*

Se isto assim continúa desenvolve-se para ahi alguma peste só com a roupa suja d'esta sucia!

Está tudo de prevenção!

Está tudo acagaçado!

Estão todos a vazar-se nas suas idéas.

Ai, que susto, ó mana!

. . . . . .

Ora quem lhes désse dois açoites no... *Está visto!?*

Acabem com a cantata
P'las cinco chagas de Christo,
Não pensem em zaragata.
. . . . . .
Ai que valente chibata
Aos auctores d'esta reinata
No... sim senhor! Está visto

Em fazer *bichinha gata*
Aos *valentes* não resisto
Mesmo até *metter-lhe a... pata.*
. . . . . .
Pois que quem o medo acata
Não tem vergonha *na lata*
Nem no... sim senhor
'stá visto!

*

Dois psychologos de New York acabam de inventar um apparelho a que deram o nome de *Psychometro-electrico,* e que permitte se não lêr os pensamentos das pessoas ao menos verificar se mentem ou falam verdade.

Ai, ricos filhos! Mandem para cá um apparelho d'esses se querem vêr, umas caras que a gente conhece atirarem com os apparelhos ao ar!...

N'esta terra d'intrujice,
Onde ha muito bom ratão,
Que se tanto não mentisse
Não fazia um *figurão,*

Onde por graça e ratice
Tudo ferra o seu *palão*
E a D. Politiquice,
Adora o *carapetão,*

Creiam bem que tal presente
Que obriga a falar verdade,
Punha á prova muita gente
Que vive cá na cidade.

ZE DA HERDADE.

Está-se nas tintas!...

Quem quizer animatographo
Chic, catita, economico,
E não sendo *avarentonico,*
Vá ao *Terrasse-Chiado*
Que vê fitas modernissimas,
Fitas p'ra rir e seriissimas,
Como aquella da Sicilia.

Quem vê a fita citada,
Fica a idéa fazendo
Do cataclysmo tremendo,
E a si faz ardentes votos
Que por mais que a desafiem,
Lhe batam, té esticar,
Nunca mais vae passear
P'ró lado dos Terramotos.

ARIEL.

Impressões do conde de Santa Maria sobre a sua recente viagem de estudo, como elementos de geographia pratica.

Larguei em dia frio de cerração,
Com mar cavado e grosso vagalhão;
Ao fim de accidentada travessia
Avista-se o pharol da Trafaria,
Lançamos ferro em Porto Brandão.

O nosso rumo era p'rás Antilhas
Mas, ao dobrar o cabo de Cacilhas
Levanta-se um medonho temporal
E fomos acossados p'ró Seixal
Passando á vista de diversas ilhas.

D'ali é magestoso o panorama;
Avistam-se as Canarias e Alfama
E lá ao longe as velhas cathedraes
De Ghellas, de Goyana e Olivaes
E muitas outras terras da mourama.

Depois, seguindo, avisto pela prôa
Sarilhos, Monfalim, Serra-Leôa,
Mas, como o vento ainda fosse rijo,
Passamos muito á costa de Montijo,
Ficando a leste Moçambique e Gôa.

E navegando muito p'ró nascente,
Depois de fundear em Benavente,
Tivemos que tocar em Zanzibar;
A' California fômos arribar
Levados pela força da corrente.

Tres dias mais chegamos á Argentina,
De lá montei n'um burro, fui á China,
A' noite vim ficar a Caparica;
Seguindo pela estrada de Bemfica
Cheguei no outro dia á Palestina.

Descendo um pouco avisto então Timor.
Largava á tarde o ultimo vapor
E eu segui no dito p'ró Bailundo,
Passei de noite á vista de Dáfundo
Depois de ter dobrado o Bojador

A' volta, ao lançar ferro em S. Vicente
Na linha vertical que do poente
Se traça a 20 graus de latitude
E 37 $^1/_2$ de longitude
Avistam-se Cantão e Alcoentre

Ao longe vê-se um vasto horisonte,
A serra de Monchique ali defronte
Vestida de verdura fresca, rara;
A' esquerda o deserto do Sahara
Nas faldas d'um soberbo e grande monte.

E vindo p'ra Lisboa em direcção,
Toquei em Pernambuco e Ceylão;
De noite entrei a barra de Peniche
Seguindo pela estrada de Carriche
Até á Lisbia; eis a narração.

A leitura d'este opusculo recommenda-se a todas as pessoas que inesperadamente sejam chamadas a sobraçar a pasta de ministro da marinha, com falta de pratica.

STYL.

Parece que a *intentona* ainda não vae d'esta.

Pois é pena.

Se a deixam tanto tempo ao lume encrúa e depois não ha diabo que a trinque.

Theatradas

Ha noites, n'uma escura viella da Mouraria, ouvimos, por um acaso fortuito, um fadista envinagrado cantar, entre fumaças de vinho podre, esta velha quadra:

«O' fado que foste fado,
O' fado que já não és,
O' fado que te viraram
Da cabeça para os pés!»

Não sabemos bem porque, veiu-nos á idéa a theatrice que sempre nos acompanha e desatámos a cantarolar com os nossos botões;

Isto está tudo mudado,
Não ha norma nem normal,
São tres já: Maria, Amelia,
mais o Principe Real.

E com razão o cantámos, porque o botão do sobretudo desatou a dar palmas e cahiu... na casa, extenuado de tanto enthusiasmo.

Já nada ha positivo n'esta vida.

S. Carlos lá tem a companhia de opera e, sendo um theatro aristocratico, dá récitas populares.

Succede porém que o povo tem de alugar casaca e chapéo alto e comprar luvas porque a *élite* não se desdenha de lá se apresentar *au grand complet.* Mais nos dizem que os porteiros embirram com os sobretudos, tapa-miserias de muita gente boa, e querem lá dentro tudo de corpinho bem feito, na contingencia de uma pneumonia-lyrica.

Não tem a empreza a culpa e por isso o velho theatro de S. Carlos lá continúa com a opera italiana com bons artistas, assim como

D. Maria nos dá agora o *Amor de Perdição,* peça extrahida de um romance de Camillo. Varía os espectaculos e faz muito bem, porque tem repertorio bastante para, sendo *normal,* attingir uma concorrencia anor... *idem.*

Já se vê que em

D. Amelia os pratinhos predilectos são o *Tio Milhões,* o *Chá das cinco* e todo o *stock* de boas peças que o bregeirinho do visconde de S. Luiz Braga nos tem dado esta época.

Para o Carnaval a revista de André Brun *O gabinete intrujopathico,* com a bella *piadinha* da costa.

A Trindade lá está com a opera portugueza, dando-nos alternadamente a *Somnambula,* a *Carmen* e a *Bohemia.*

No dia 4 beneficio do estimado amigo e *camaradinha,* o actor Conde, com a *reprise* da bella peça *O Hotel do livre cambio.*

Lá vamos com certeza, salvo algum percalço da *intentona.*

E aproveitámos a occasião para ir ao

Avenida falar ao nosso amigo Galhardo, a proposito de uma festa que o nosso *Xuão* em breve realiza n'aquelle theatro, o qual foi bizarramente cedido pelo seu illustre emprezario.

Esta festa, que será dedicada ao Partido Republicano Portuguez, vae decerto causar o maior enthusiasmo, tanto mais que o programma está sendo elaborado de fórma a tornal-a o mais attrahente possivel.

Depois fomos assistir ao espectaculo, que constava da magnifica revista *A B C* que em breve prefaz trezentas representações.

N'este theatro ensaiam-se para breve subirem á scena, a *Gueicha* e a revista *A Nove,* do conhecido revisteiro Souza Bastos.

A' sahida encontrámos o infatigavel emprezario do

Gymnasio e distincto actor Valle, que alli nos delicia com excellentes comedias, entre as quaes *O Olho da Providencia.*

Porém o excesso de normalidade está em que no

Principe Real temos Brazão, Ferreira da Silva, Lucinda Simões e Christiano de Souza, artistas consagrados e nos carrapitos do talento.

Calculem.

E tão anormalissimos nos encontrámos que decidimos ir á

Rua dos Condes vêr o *Cacharolete* no primeiro espectaculo, pois tendo agora o novo quadro *Ensaio da lucta,* não se pode resistir á tentação de gosar tão engraçado espectaculo.

Onde a critica não mette o bedelho, salvo alguma expansão de despeito, é no

Colyseu dos Recreios, onde está a melhor companhia de circo que temos tido occasião de apreciar.

E «como tudo está voltado de cabeça para os pés» na opinião do fadista gadelhudo, nós terminaremos aconselhando o Zé amigo a divertir-se muito e comer pouco, porque o dinheiro não chega para tudo.

O conselho é *gratis,* porque felizmente e o diabo seja surdo, não somos bachareis nem doutores.

Vade retro.

REPORTER.

DA LIBERDADE
AOS SEUS DEFENSORES
A IDEIA É FOGO QUE NUNCA SE EXTINGUE
PAZ AOS JUSTOS
SILVA E SOUZA